

A psicanálise diante do racismo sofrido pela população negra no Brasil¹

Evaldo Ferreira da Silva,² Tupã

Vânia Maria Martins Lopes,³ Marília

Rosa Maria Batista Dantas,⁴ Marília

Resumo: Este trabalho visa discutir o racismo sofrido pela população negra no Brasil, enquanto objeto de estudo da psicanálise, com base em um levantamento bibliográfico de artigos publicados pela Revista Brasileira de Psicanálise, no período de 2009 a 2021, disponíveis no site da instituição, para acesso público. A respeito das considerações teóricas, abordamos textos de cânones antirracistas, bem como de autores contemporâneos. E para melhor nos apropriarmos da discussão em questão, participamos dos eventos “Racismo: gritos e sussurros”, “Racismo e política: questões contemporâneas”, “Psicanálise e racismo”, “Racismo na vida cotidiana e na Psicanálise: a inegável existência da crueldade no mundo conceitual branco e a urgência

- 1 Trabalho originário do TCC “A psicanálise diante do racismo; um olhar sobre o racismo sofrido pela população negra no Brasil” do Curso de Formação de Psicoterapia Psicanalítica, do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região, apresentado em 16/11/2021; gratidão ao Núcleo, aos professores, às Comissões Científicas e do SOE, ao amigo Robson Martins, à generosidade de Augusto Paim e José Ignácio Paim Filho.
- 2 Psicólogo, membro agregado do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR).
- 3 Psicanalista, membro filiado do Instituto “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Mestre em psicologia clínica, docente de psicologia da Faculdade de Medicina de Marília (Famema).
- 4 Psiquiatra, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Membro da Comissão Cultural e Coordenadora da Comissão de Publicação e Informática do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Diretora Social da Comissão Cultural da Associação Paulista de Medicina Regional de Marília, membro da Associação da Orquestra Filarmônica de Marília.

por ações reparatórias nos Institutos de Psicanálise” e conferência de lançamento do livro *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Assim, podemos observar a ainda limitada quantidade de estudos referentes a temática do racismo sob o viés da psicanálise.

Palavras-chave: racismo, antirracismo, branquitude, psicanálise.

Este trabalho tem como objetivo identificar e traçar apontamentos sobre o racismo sofrido pela população negra no Brasil enquanto objeto de estudo pela Psicanálise. Para tanto, foi realizada uma consulta em artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise, no período de 2009 a 2021 (disponíveis no site da Febrapsi, para acesso público). O trabalho deu-se por meio do método de levantamento de dados, por viés exploratório. Para ilustrá-lo, pesquisamos trabalhos de autores brasileiros e estrangeiros, e artistas com histórico de militância contra o racismo.

Observamos em nosso cotidiano que o racismo permeia e rege relações humanas. Ele não é assumido socialmente, mas é aceito e há silêncios decorrentes de razões distintas ou até contraditórias, que quando não fortalece o racismo, o mantém. O racismo se constitui como crença de que uma raça em particular é superior ou inferior a outra, bem como a crença de que certas características biológicas são determinadas pela raça de uma pessoa, ou existiram ao longo da história. No senso comum, são recorrentes interpretações equivocadas sobre racismo, sendo frequente vítimas de racismo não serem compreendidas nas suas queixas e suas dores. Assim, compreendemos ser fundamental que os saberes quanto ao racismo alcancem toda a população. Mesmo no pensamento científico, há diferentes conceitos de racismo, daí a importância de o estudarmos sob a perspectiva psicanalítica, que enquanto ciência questiona a si mesma e busca o furo no discurso.

Almeida (2019) compreende o racismo como ideologia que molda o inconsciente, assim, independe de uma ação consciente para existir, por ser estrutural, abrangendo economia, política e subjetividade. Desse modo, o racismo constitui as relações no seu padrão de normalidade, como regra e não como exceção.

A primeira tese de mestrado no Brasil sobre racismo é da Virgínia Bicudo, primeira mulher psicanalista não médica, no Brasil. Tal fato, embora relevante e histórico, não caminhou para uma tradição. Virgínia trouxe discussões sobre o racismo, baseando-se nas suas experiências pessoais. Com a dissertação “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, Virgínia abordou a permanência do preconceito racial, apesar da diminuição de diferenças sociais. Ou seja, a discriminação racial é contra a vítima e contra um grupo, devido à construção social sobre o que é ser negro e o que é ser branco, conforme nos aponta Barros (2012). Não é à toa que artistas engajados na militância contra o racismo utilizam-se das artes para contestar a história do Brasil que nos é ensinada, contada e propagada. Por exemplo, Emicida (2015) diz, em sua música *Mufete*: “Esquece o que o livro diz, ele mente”, e corrobora com o que fora dito antes por Martinho da Vila, em seu livro “Kizombas, andanças e festanças”, (citando o historiador Hélio Silva) que, diferentemente do que aprendera na escola, “o verdadeiro proclamador da República foi José do Patrocínio e não Marechal Deodoro, e este não gritou Viva a República, mas sim Viva o Imperador” (Da Vila, 1998, p. 94). Documentos comprobatórios como atas de reunião e a pesquisa de Hélio Silva sobre a República apontam essas diferenças da história oficial; esta nega a importância e o protagonismo de José do Patrocínio.

Voltemos a Almeida (2020),⁵ que traz distinções sobre concepções de racismo:

Individualista: Para quem assim o concebe, entende o racismo como um ato, que está sempre vinculado ao ato, deliberadamente, desse modo é resultado de uma ação de um indivíduo, ou de grupos de indivíduos.

Institucional: Não se manifesta apenas a partir de atos individuais. Basta apenas não tomar ações necessárias para coibir, como por exemplo o descaso, o silenciamento, pois as instituições nos seus modos de funcionamentos criam condições para que isso ocorra e permaneça.

5 Fala de Silvio Almeida na Aula 2 – Concepções teóricas sobre Racismo, do Curso Racismo e Política: Questões contemporâneas (realizado pelo Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa).

Estrutural: é sempre estrutural, por integrar a organização econômica e política da sociedade, de forma inescapável, fornecendo o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. É então uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional, porque comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre sorrateiramente, pelas costas dos indivíduos e lhes parece destinado pela tradição. O racismo forma os indivíduos, as instituições. Como um processo sociocultural, o racismo cria cenários, com atores e papéis outorgados. Assim, o racismo não é uma exceção, mas algo que se constitui enquanto um parâmetro normalizado nas relações, pois o racismo é alienação, (naturalizamos e aceitamos os papéis socialmente construídos).

Na História e nas Ciências Humanas, quanto mais precisos se tornam os conceitos, mais responsabilidades eles carregam. Há certas palavras que, dotadas de um conteúdo apropriado, podem ajudar a mudar o mundo e outras que parecem ameaçar perdê-lo. (Barros, 2012, p. 19)

Falemos de antirracismo, e ao fazê-lo, estamos falando também de racismo, uma vez que o antirracismo se pauta em modo de pensamento que considera a existência do racismo como estrutural, com extrema influência nas coletividades. Paim (2020) compreende o antirracismo como uma transformação, porque o Brasil é racista, não se desculpa pelo seu passado, não fez a reparação que deveria e ainda atualmente tem o mito da democracia racial.

Com relação ao branco e à branquitude na atualidade, “eu não escravei, mas sou herdeiro de uma lógica” Paim (2021), por isto ser necessário nos assumirmos racistas, para assim nos transformarmos em antirracistas.

Schucman (2020) aponta que Du Bois foi pioneiro no trabalho de compreensão de o porquê nos EUA apenas alguns brancos eram assim

considerados. Ele percebeu, na classe trabalhadora, a raça como divisor, pois lá poloneses, irlandeses, judeus, entre outros, não eram considerados brancos. Du Bois faz uma ligação entre status, classe e raça. Fanon (2008) aponta que o colonizado terá consequência subjetiva por ter sido colonizado, pois o colonizador ao invadir o território, violentar, dominar, escravizar, tem também uma violência subjetiva por existir uma ideia de superioridade do colonizador, ao desumanizar os negros, ao impor a sua crença religiosa aos indígenas, construída ao longo do tempo, com a ideia de que humano universal é o branco. No Brasil, Schucman (2020) cita Ramos e o seu livro *A patologia do branco brasileiro*, em que fala que é muito comum escutarmos “meus avós eram italianos, portugueses, espanhóis”, com uma supervalorização da origem branca, europeia, enquanto que à outra origem (negra e indígena) não é dado o mesmo tratamento. Ramos (1957), compreende como uma patologia, o que fora acontecendo historicamente, de o branco estudar o negro como objeto negro, devido à construção social de que ele branco é universal e os demais têm raça. Schucman (2020) frisa que o racismo é estruturante da subjetividade, pois o branco, uma vez posto à parte das questões raciais, ficou como um padrão de norma e normalidade, ocorrendo junto a isso, para Bento (2002), o que se denominou de pactos narcísicos da branquitude, por exemplo, negação da problemática do racismo, alianças inconscientes intergrupais e a manutenção do poder e privilégios brancos.

A psicanálise poderia colaborar mais no enfrentamento ao racismo?

Aiello-Fernandes (2018) aponta convergência entre os autores quanto ao racismo provocar sofrimento emocional importante, e discordâncias quanto à maneira como o saber psicanalítico poderia auxiliar para a superação do racismo, devido à visão firmada sobre um conservadorismo, uma psicanálise clássica, mas que desconhece a psicologia clínica social.

Kon, Silva e Abud (2017) organizaram o livro *O racismo e o negro no Brasil – questões para a psicanálise*. Tal obra é resultado de um ciclo de

palestras sobre a abordagem do racismo no campo da psicanálise, organizado após um episódio de racismo, durante uma aula no Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*. No livro é salientado o fato de os impactos do racismo não serem compreendidos pela psicanálise, uma vez que, segundo as considerações presentes no estudo, o tema não é tratado como deveria.

Segundo Rodrigues (2020), atualmente a psicanálise também está voltada para o estudo das questões raciais, mas há ainda poucos trabalhos, e muito pontuais. Paim (2020) aponta que, além de serem poucos os trabalhos, existem menos ainda aqueles com mais especificidade como, por exemplo, sobre o racismo na infância. Paim (2020) nos lembra que, por muito tempo, os psicanalistas sustentaram a ideia do racismo como algo individual, como se a subjetividade não fosse construída no contato com o outro. O racismo é uma questão coletiva porque é na relação com o outro que ela acontece (Paim, 2020).

Pereira (2018) traz reflexões a respeito da invisibilidade de Virgínia Bicudo, sobretudo na área da psicanálise, devido a uma não valorização das produções de Virgínia dentro da bibliografia psicanalítica acadêmica, apesar do seu pioneirismo, sua contribuição, importância e dedicação à psicanálise. Sua tese de mestrado, por exemplo, só foi publicada 65 anos mais tarde, conforme aponta Venosa (2020). Um dos autores deste trabalho, Evaldo Ferreira da Silva, relata que durante a sua graduação (de 2012 a 2016), nada foi dito sobre Virgínia, nem estudado e só descobriu algo sobre ela em 2020.

Segundo Conceição (2021),⁶ os primeiros estudos de saúde mental brasileira são muito ancorados na estreita relação entre pobreza, marginalidade e negritude, e Virgínia tira a experiência racial do campo da patologia para a posicionar no campo da produção das experiências e, para ela, quanto mais se tem consciência da cor, da sua história, do seu local racial, mais atravessado por angústias de ordem psíquica do inconsciente fica o

6 Fala de Jaqueline Conceição, em 5/2/2021, na aula 2 – O inconsciente tem cor? Do conceito de falta a falta de branquidade, do Curso “Psicanálise e racismo”, promovido pela Casa do Saber, de 29/1 a 19/2/2021.

indivíduo, já que não haviam valores sociais positivos para que houvesse reinterpretação, ressignificação e, assim, uma elaboração, pois o sujeito cresce atravessado por questões de embranquecimento e do jogo social. A tentativa e desejo de se embranquecer configura um querer ser considerado humano (Schucman, 2008).

vai demonstrar como é totalmente indesejável, em um contexto colonial, ser preto, e, inversamente, como é sedutora uma identificação alienante com o branco... na verdade a colonização da mente de outra pessoa. (Davids, 2011 p. 108, tradução nossa)

Herdamos a linguagem cultural, somos efeito dela, pois a linguagem que nos habita, nos atravessa. A constituição do eu se dá pelo olhar do outro, tal como o estádio do espelho, presente em Lacan, a vergonha está associada ao olhar do outro, nasce dele. Nesse sentido, a respeito de quem nos tornamos, Castro (2021)⁷ diz: “Temos uma herança que não vem somente dos nossos pais, mas também dos nossos avós, bisavós. Vai virando veículo de tradição, valores. O processo de identificação vai indo de geração para geração”. Conceição (2020) diz que os elementos que a linguagem apresenta na narrativa do analisando e no setting estão marcados simbolicamente por todos os jogos e dinâmicas raciais da estrutura social, que no Brasil é também racial, e que está atravessada, impregnada, condicionada por marcadores sociais, culturais, em torno da figura negra. “A dinâmica do inconsciente coletivo foi produzida por um lugar de poder e subordinação, atravessado pela dinâmica racial”. Referindo-se ao conceito da falta, de Lacan:

O corpo negro é organizado a partir de uma falta de uma outra ordem. A falta marcante, estruturante do sujeito negro é a própria negritude, porque a branquitude é o padrão aceito, hipervalorizado. No inconsciente, a brancura é um

7 Fala de Ângela Maria B. Jimenes Castro, em 24/09/2021, na aula do Curso de Formação de Psicanálise, do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região.

lugar desejado pelas pessoas negras e brancas, tornando-se inalcançável para as negras. (Isildinha Batista Nogueira, citada por Conceição, 2005)⁸

É impressionante a força e a postura de algumas pessoas que conseguem não sucumbir ao racismo, como o ator Grande Othelo, por exemplo:

Othelo sempre conseguiu se colocar de maneira superior àquilo que chamamos de racismo, assimilando os golpes, transformando o negativo em positivo, e assim vencendo no teatro, no cinema e na televisão, onde o negro sempre foi raro. (Houard, 2013)

Também nos chamou a atenção a capacidade criativa e de sublimação de Martinho da Vila que, quando pré-adolescente, sobre o programa televisivo de sucesso à época (série que tinha o Tarzan como herói e personagem principal), declarou que entre o Tarzan e o jacaré, torcia pelo jacaré, por acreditar que sendo o Tarzan o rei das selvas africanas, era culpado pela escravidão. Já adulto, fez várias coisas a respeito da temática da negritude. Convidado por Movimentos Negros, Martinho organizou manifestações pela libertação de Nelson Mandela e pelo fim do Apartheid. É de sua autoria a música *Meu homem*, que compôs para Winnie Mandela. Realizou também um intercâmbio cultural entre Brasil e Angola. Embora Martinho desconheça a origem exata da sua família, fez uma pesquisa e acredita que sua bisavó era de Angola; na primeira vez que esteve lá, em 1972, compôs a música *Semba dos ancestrais* que diz:

se ao pisar no solo e o coração disparar, o corpo arrear, o sangue ferver e a cabeça viajar... se Luanda te encher de emoção, se o povo te impressionar demais, é porque são de lá os teus ancestrais” (Da Vila & Valença, 1985)

8 Fala de Jaqueline Conceição, em 5/2/2021, na aula 2 – O inconsciente tem cor? Do conceito de falta a falta de brancura, do Curso “Psicanálise e racismo”, promovido pela Casa do Saber, de 29/1 a 19/2/2021.

Essas buscas de Martinho sobre a negritude levaram-no a criar, no Carnaval de 1988, o enredo *Kizombas – Festa da Raça*, para a Escola de Samba Vila Isabel (foi um desfile político, como manifestação de luta contra o racismo). São aspectos da vida desse artista que, do ponto de vista psicanalítico, nos chamaram a atenção.

A pesquisa aponta para um consenso de que no âmbito psicanalítico são raros os trabalhos sobre racismo e, mais ainda, os com um recorte específico, pois em 2009, 2010, 2011 e 2012, não houve nenhum artigo publicado pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 2013 houve um, em 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, novamente nenhum artigo, em 2019 houve um e em 2020, três. Lia Schucman, José Ignácio Paim Filho, Ney Marinho, Wania Cidade, entre outros, se posicionaram, chamando a atenção para essa carência.

Concordamos com Paim (2020), que o racismo ocorre porque o branco precisa do negro como depositário, e o psicanalista branco precisa dar conta disso primeiro em si, para num segundo momento dar conta no outro, pois como dito por Degani (2021)⁹ “O branco recalca e projeta no negro, ficando alienado de si mesmo. A branquitude tem que estar no nosso divã, com relação ao negro, mas também, ao branco”. Assim, entendemos ser necessário que profissionais da psicologia, psicanálise e psiquiatria busquem conhecimento pormenorizado sobre a temática do racismo e que possam trabalhá-la inseridos no processo que chamamos de Formação, e que nossas instituições psicanalíticas adotem um posicionamento político, realizem ações reparatórias, afirmativas, campanhas nacionais, incluam as temáticas de racismo, antirracismo, branquitude, negritude nas agendas e rompam com o epistemicídio imposto às autoras e aos autores negros.

Nesse sentido, discurso inaugural sobre a psicanálise, em solo brasileiro, por Juliano Moreira (1899), *o mito negro* de Neuza Santos (1983), *o preto-guês* (amefricanidade) de Lélia Gonzales (1988), *o pacto narcísico da branquitude*, de Maria A. S. Bento (2002), *o apartheid psíquico* de Isildinha B.

9 Fala de Rafaela Degani, em 06/05/2021, durante a videoconferência de lançamento do livro, “Racismo: por uma psicanálise implicada” promovida pela Editora Artes e Ecos

Nogueira (2017), as práticas e ações, verdadeiro celeiro de resistência, de Wania Cidade (2020) e... se tornam proeminentes. (Paim, 2021 p. 72)

El psicoanálisis frente al racismo que sufre la población negra en Brasil

Resumen: Este estudio tiene como objetivo discutir el racismo sufrido por la población negra en Brasil, como objeto de estudio del psicoanálisis, a partir de un levantamiento bibliográfico de artículos publicados por la *Revista Brasileira de Psicanálise*, de 2009 a 2021, disponibles en el sitio web de la institución, para acceso público. En cuanto a las consideraciones teóricas, abordamos textos de cánones antirracistas, así como de autores contemporáneos. Y para apropiarnos mejor de la discusión en cuestión, participamos de los eventos “Racismo: gritos y susurros”, “Racismo y Política: cuestiones contemporáneas”, “Psicoanálisis y Racismo”, “Racismo en la vida cotidiana y en Psicoanálisis: la existencia innegable de la crueldad en el mundo conceptual blanco y la urgencia de acciones reparatorias en los Institutos de Psicoanálisis” y conferencia para el lanzamiento del libro “Racismo: por una psicanálisis implicada”. Así, podemos observar el número aún limitado de estudios sobre el tema del racismo en la perspectiva del psicoanálisis.

Palabras clave: racismo, anti-racismo, blancura, psicoanálisis

Psychoanalysis in the face of racism suffered by the black population in Brazil

Abstract: This study aims to discuss racism suffered by the black population in Brazil, as an object of study of psychoanalysis, based on bibliographic research of articles published by the *Revista Brasileira de Psicanálise*, from 2009 to 2021, available at the institution's website for public access. In regard to theoretical considerations, we approach texts from anti-racist canons, as well as contemporary authors. And to appropriate the best discussion in question, we participated in the events “Racism: screams and whispers”, “Racism and politics: contemporary issues”, “Psychoanalysis and Racism”, “Racism in everyday life and in Psychoanalysis: the undeniable existence

of cruelty” in the white conceptual world and the urgency for reparatory actions in the Institutes of Psychoanalysis” and conference for the launch of the book “Racism: for an implicated psychoanalysis”. Thus, we can observe the still limited number of studies with thematic references to racism under the bias of psychoanalysis.

Keywords: racism, anti-racism, whiteness, psychoanalysis

Referências

- Aiello-Fernandes, R. (2018). Racismo e psicanálise em produções acadêmicas. Tese de doutorado em Psicologia como profissão e ciência (PUC-Campinas). Recuperado em 7 de outubro de 2021, de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/1055/2/RAFAEL%20AIELLO-FERNANDES.pdf>
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural. Feminismos plurais*. Saraiva.
- Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002). *ABNT NBR 10520: citações em documentos: apresentação*. ABNT.
- Bento, M. A. S. (2002). *Branqueamento e branquitude no Brasil*. Vozes.
- Barros, J. D'A. (2012). *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Vozes.
- Braga, A. P. M. (2016). Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 2, p. 1. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>
- Da Vila, M. (1998). *Kizombas, andanças e festas*. Record.
- Da Vila, M. & Valença, R. (1985). Semba dos ancestrais. In M. Da Vila, *Criações e recriações*. BMG do Brasil.
- Da Silva, L. M. (2017). *Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise*. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/31/impactos-do-racismo-nao-sao-reconhecidos-pela-psicanalise-afirma-psicologa>
- Du Bois, W. E. B. (2003). *The Souls of black Folk*. Barnes & Noble.
- Fachin, O. (2017). *Fundamentos de metodologia, noções básicas em pesquisa científica*. Saraiva.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Edufba.
- Houard, J. (2013). Documentário – A verdadeira história do samba. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <http://sambadosino.blogspot.com/2011/11/verdadeira-historia-do-samba.html>
- Kon, N. M.; Da Silva, M. L.; Abud, C. C. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva

- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.
- Mingas, R.; Rui, M.; Da Vila, M. (1983). À volta da fogueira. In M. Da Vila, *Novas palavras*. BMG do Brasil.
- Mori, B.; Carneiro, C. (2020). Vidas Negras importam – IV. Febrapsi Observatório Psicanalítico. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1752020/>
- Emicida (2015). *Mufete*. Sony Music, 2015. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <http://genius.com/Emicida-mufete-lyrics>
- Machado, J. (2020). *Janelas de conversa: Racismo: gritos e sussurros*. Live da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul.
- Paim Filho, I. A. (2020). *Janelas de Conversa – Racismo: gritos e Sussurros: live da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul*.
- Paim Filho, I. A. (2021). *Racismo: Por uma psicanálise implicada*. Artes & Ecos.
- Paim Filho, I. A. & Cidade, W. M. (2020). *Podem negros e negras frequentarem os institutos de psicanálise?* Febrapsi – Observatório Psicanalítico. Recuperado em 5 de outubro de 2021, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1842020/>
- Pereira, A. M. (2018). *Virgínia Bicudo: a invisibilidade na psicanálise, racismo e as consequências psíquicas para uma psicanalista negra*. Recuperado em 5 de outubro de 2021, de <https://psicanalisedemocracia.com.br/2018/10/virginia-bicudo-a-invisibilidade-na-psicanalise-racismo-e-as-consequencias-psiquicas-para-uma-psicanalista-negra-milene-amaral-pereira/>
- Ramos, A. G. (1957). *A introdução crítica à sociologia brasileira*. Andes.
- Rodrigues, R. (2020). *O que a psicanálise pode dizer do racismo?* Recuperado em 7 de outubro de 2021, de https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/02/22/internas_opiniao,829765/o-que-a-psicanalise-pode-dizer-do-racismo.shtml
- Schucman, L. V. (2020). *As teorias críticas da branquitude*. Racismo e política.
- Venosa, C. (2020). *Virgínia Bicudo: a brasileira pioneira em estudos raciais na psicanálise*. Recuperado em 15 de março de 2020, de <http://comissoes.crcsp.org.br/mulher/2020/03/15/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/>

Evaldo Ferreira da Silva
evaldotupanpmr@gmail.com

Vânia Maria Martins Lopes
vaniammlopes.ml@gmail.com

Rosa Maria Batista Dantas
rmbdantas@gmail.com